

FORTE DA MADRE DE DEUS E SÃO PEDRO

RESGATE DE UMA HISTÓRIA

BIBLIOTECA DE ARQUEOLOGIA

Prof^a Niède Gu

Ana Nascimento

Suely Luna

Luiz Severino Silva Júnior

A área onde foi realizada a pesquisa arqueológica do Forte da Madre de Deus e São Pedro localiza-se no extremo sul do Bairro do Recife – Recife, Pernambuco (Figura 01) área tombada, em âmbito federal como *Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico do Antigo Bairro do Recife -PE*. Em decorrência das políticas públicas de revitalização, o bairro portuário, onde nasceu a cidade, vem sofrendo intervenções de vários empreendimentos. Este trabalho teve como objetivo efetuar o acompanhamento e o resgate dos bens patrimoniais arqueológicos que fossem localizados na construção do edifício garagem do Empreendimento Paço Alfândega, responsável pelo financiamento do trabalho.



Figura 01 - Mapa do extremo sul do Bairro do Recife, em vermelho, área da intervenção arqueológica

O trabalho de pesquisa constou de duas etapas: a primeira referente ao levantamento histórico e cartográfico, pois se trata de área ocupada desde o período colonial, sendo, portanto necessário o conhecimento prévio da documentação. A segunda etapa refere-se a escavação arqueológica, cujo planejamento foi alicerçado na documentação, e previu a abertura inicial de trincheiras para a localização das estruturas da antiga fortificação.

Os trabalhos arqueológicos consistiram em efetuar escavações nos locais onde estava prevista a implantação de um dos dois edifícios garagem do Shopping Paço Alfândega; tendo como uma das metas resgatar as peças arqueológicas provenientes dos depósitos sedimentados na área. Porém, o principal objetivo do nosso trabalho era evidenciar as fundações do **Forte da Madre de Deus e São Pedro**, construído em 1685, e definitivamente destruído em 1847, quando a sua última estrutura, a portada do forte, foi demolida para construções de armazéns portuários.

Histórico da Área

Segundo a cartografia holandesa e gravuras de 1647, provavelmente de autoria de *C. B. Golijabth*, a extremidade do atual Bairro do Recife não passava de um banco de areia que surgia na vazante da maré. Esta área era conhecida como **Praia do Lamarão** ou **Sítio do Lamarão**. Nos dois primeiros séculos da ocupação, a extremidade sul do Porto do Recife, assentado na porção meridional de um istmo de terra, servia apenas para atracagem ou área para reparos de barcos (Figura2). Efetivamente, a extremidade do Bairro do Recife só passou a ser ocupada a partir de 15 de fevereiro de 1684, quando foi lançada a primeira pedra para construção de uma fortificação regular.

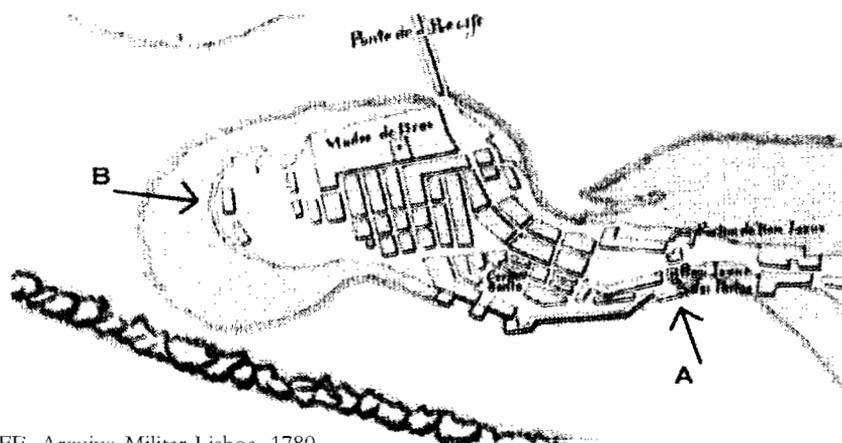


Figura 02 - MAPA DO RECIFE, Arquivo Militar Lisboa, 1780.

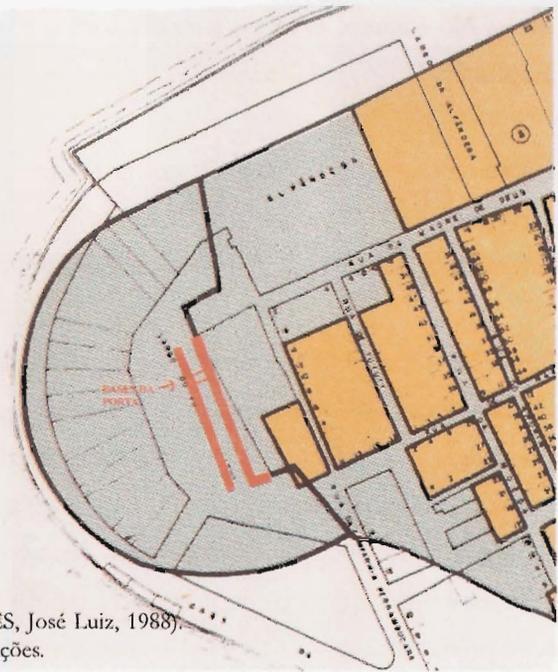


Figura 03 - Planta Baixa do Forte dos Matos (In MENEZES, José Luiz, 1988). em vermelho, salienta-se as estruturas encontradas nas escavações.

De acordo com a documentação histórica, sabe-se que por volta de 1684, o acúmulo de solo de aluvião era tão excessivo que o Governador *Dom João de Souza* e do Rei de Portugal *Dom Pedro II*, com autorização da Câmara de Olinda, permiti ao maior empreiteiro de fins do século XVII, o português *Antônio Fernandes de Matos*, construir, com recursos próprios, uma fortificação tendo por argumento reforçar a proteção do lado sul da Vila do Recife, que até então era guarnecida apenas pelo *Forte das Cinco Pontas* e mais ao sul pelo *Forte Príncipe Guilberme*. Em troca deste serviço, a coroa portuguesa lhe concedeu o direito de explorar e construir habitações nas novas terras que surgissem entre a fortaleza e a Vila do Recife. Com isto, no século XVIII novos quarteirões de casas construídas surgiram na povoação do Recife, acrescendo a vila em cerca de 37 mil metros quadrados.

Segundo a documentação, no ano de 1685 *Antônio Fernandes de Matos* dá por inaugurado, o Forte da Madre de Deus e São Pedro. Seu formato semicircular foi estabelecido devido ao aproveitamento do terreno natural (o banco de areia). Seu poderio de fogo foi determinado pela implantação de 24 canhões. Suas instalações contavam ainda com a casa do trem de artilharia, servida de um poço interno; cavalaria; casa de pólvora e uma imensa praça d'armas, a maior de todo o sistema defensivo colonial construído no porto do Recife¹. Segundo José Antônio Gonçalves de Mello, “a muralha da fortaleza media 706 palmos [ou ± 155 metros]... e... raio do semicírculo com 322 palmos [ou ± 70 metros]”² (Figura 3). Popularmente, a fortaleza ficou conhecida pelo nome do seu construtor, ou seja, *Forte do*

Matos. No entanto, as terras surgidas com a nova fortificação proporcionaram a área portuária à ampliação de suas atividades, mais tarde, este fato iria contribuir com a desativação da fortificação.

Como reconhecimento aos serviços prestados, *Antônio Fernandes de Matos* foi nomeado, através de carta patente do Governador, datada de 22 de março de 1864, Capitão da própria fortaleza. Esta patente foi ratificada por Patente Régia em de 21 de março de 1686.

Em 1730, o trecho de terra entre a Igreja da Madre de Deus e o *Forte do Matos*, ainda era um grande alagado, chamado de “*Lamarão*”, e utilizando como área de desembarque. Em 1750, devido às atividades comerciais, e, como a fortificação nunca havia entrado em ação de fogo, os comerciantes, que já utilizavam a praça d’armas como depósito dos produtos comerciais da época, parecem ter conseguido influenciar os governantes a desativarem fortificação, que passaria a ser definitivamente utilizada como local de armazenagem. Neste mesmo ano, foi lançada uma proposta de construir um novo prédio alfandegário no terreno chamado “*sítio do Matos*”, porém, esta proposta não foi aprovada. Em mapa do Bairro do Recife de 1733, executada por *João Macedo Corte Real* e *Diogo da Silveira Velloso*, pode-se constatar que o *Forte do Matos* ainda encontrava-se erguido, pois lê-se em legendas as seguintes informações: “*forte chamado do Matos em que se apontam fazer a nova alfândega*”, e, “*Forte que chamam do Matos*”.

Em consulta ao Conselho Ultramarino, datada de 18 de julho de 1751, o governo provincial solicita a construção de uma nova alfândega. Ainda neste mesmo ano, é apresentada a documentação dos anexos da Alfândega do Trapiche, que possivelmente já ocupava um dos edifícios da praça de armas do *Forte do Matos*.

O Governador de Pernambuco, *Luiz José Correa de Sá*, em carta de janeiro de 1754, queixa-se ao Rei de Portugal, sobre as obras que os padres da *Congregação de São Felipe Neri*, também conhecidos como, *Padres Neri* ou do *Oratório*, iniciaram no terreno do “*Lamarão*”, situado ao lado da *Igreja da Madre de Deus* (construída inicialmente em taipa³, após o ano de 1680). Em 12 de novembro, do mesmo ano, é realizada uma “*Consulta das Partes*”, onde o Rei de Portugal deve decidir a questão.

Ao que tudo indica, os *Padres do Oratório* foram vencedores, pois, em ilustração de José Gonçalves da Fonseca de 1766, podemos ver a imagem do primeiro torreão do convento, situado a frente da torre da igreja da Madre de Deus e na frente do baluarte leste do *Forte do Matos*.



Figura 04 - Foto aérea da escavação.

A partir do final da primeira metade do século XIX, o crescimento das atividades portuárias do Bairro do Recife impulsiona a ocupação dos bairros situados nos arrabaldes da cidade do Recife. Com isto, cada vez mais, a zona portuária conhecida como Bairro do Recife, torna-se cada vez mais exclusivamente comercial, ou quando persiste a moradia, o residente ocupa os andares superiores dos estabelecimentos comerciais. Neste período, em data de 1847, foi registrada a demolição da estrutura da antiga portada do *Forte do Matos*, que já vinha sendo utilizado como armazém desde fins do século XVIII. Além disto, neste mesmo período, nas imediações do prédio chamado *Nova Alfândega*, foram erguidos vários armazéns (*trapiches*) em madeira nas margens do *rio Capibaribe*. Estes armazéns perduraram até 1910, quando um incêndio destruiu quase todos como também boa parte da referida Nova Alfândega.

A escavação

Para implantação da escavação, foram adotadas técnicas de registro através da formulação de mapas com escala máxima de 1/25 para as quadrículas e cortes, e formulação de mapas gerais do sítio, na escala 1/100, onde situamos as estruturas evidenciadas. O “grid” implantado no terreno foi dividido em quadrículas de 2x2m, identificadas através de um sistema alfa-numérico, visando o controle planialtimétrico dos achados arqueológicos. Como as camadas sedimentares do bairro do Recife

são conhecidas da bibliografia geológica, formadas por sedimentos na dimensão granulométrica de areia e silte, com intrusão de partículas rochosas de silicatos e arenitos, as escavações foram orientadas por camadas naturais, em função das ocupações.

O controle espacial foi orientado através de instrumento ótico (Nível). Desta forma, o resgate das peças e o afloramento de estruturas das diversas épocas, puderam ser controlados através de plantas-baixas e do registro dos perfis. Com isto, as peças foram locadas tanto em função de sua altura quanto de sua profundidade.

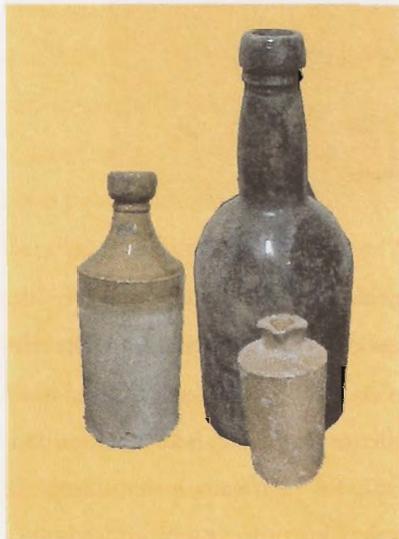


Figura 06 - Recipientes em Grés e Vidro
Séc. XVIII e XIX.



Figura 05 - Peças de ferro - séc. XVII ao XIX.
(bala, chave e navalha)



Figura 07 - Tijela de Faiança
Séc. XVII.

Com relação aos vestígios encontrados, registramos além da presença da estrutura do forte (base de parte da muralha, portada, estrutura da casa de artilharia e seu poço, cavalaria e casa de pólvora), uma grande quantidade de materiais, num período que vai do século XVII ao XX, entre eles louças, cachimbos luso-brasileiros e holandeses, moedas, garrafas em grés e vidro, peças de ferro e cobre, adornos de uso pessoal, cerâmica de uso diário, balas de canhão e mosquete, entre outros. Além disto, com o registro das fundações encontradas, foi possível registrar a evolução de alguns tipos de

técnicas e materiais construtivos, tais como: fundações em pedra e cal, com uso de arenito, calcário e até mesmo as primeiras utilizações de granito em fins do século XIX; fundações mistas (pedra e tijoleira) e fundações de alvenaria com larguras de até 1,80 m que, serviram como cintas para os aterros programados dos quarteirões do *Bairro do Recife*, ainda no século XIX.

Conclusão

As informações históricas foram reforçadas com os resultados das pesquisas arqueológicas, que ofereceu a possibilidade de se conhecer um pouco mais da história da Cidade do Recife. A área estudada apresentou intensa ocupação num período que vai do século XVII, quando foi erguido o *Forte do Matos*, ao XX, com a construção de armazéns na área portuária. Evidenciamos ricas camadas arqueológicas formadas por distintos tipos de acúmulo e sedimentação, tais como: descarte, acúmulo aluvional, acúmulo marítimo, demolições, aterros programados, aterros não programados e bases de edificações.

Através da análise dos vestígios arqueológicos, em andamento, juntamente com o estudo da deposição sedimentar e de sua contextualização, é possível compreender inúmeras condutas humanas que não foram registradas nos documentos históricos, mesmo em se tratando de um sítio histórico com rico acervo documental. Foi possível perceber que a construção do *Forte do Matos*, apesar de se utilizar de dois meios baluartes, está mais associado as fortificações de transição medieval do que as fortificações regulares modernas. Pois, a tentativa de utilizar todo o banco de areia provocou o surgimento de uma fortificação que, apesar da tentativa de regularidade não respeitava muito dos princípios da engenharia militar da época, tais como: uso de dois meio-baluartes; falta de uma esplanada para os meio-baluartes, que estavam muito próximos das edificações; cortina semicircular de grande dimensão e com pouca possibilidade de cruzamento de fogo.

Com a identificação das fundações do antigo *Forte do Matos* e vestígios associados, o projeto do edifício garagem foi reestruturado, de modo que, conforme aprovação do IPHAN, será desenvolvido proposta para estabelecimento de espaço cultural na área das fundações. Aos responsáveis pela construção do espaço cultural, foram fornecidos os dados das escavações para reformulação do projeto para que possa integrar as ruínas ao novo espaço. Desse modo, o público será beneficiado com a preservação de mais uma riqueza de nossa História que as terras encobririam.

Ana Nascimento - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Suely Luna - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Luiz Severino Silva Júnior

Notas

¹ Até 1685, a área portuária da Vila do Recife, que na verdade era o porto da Vila de Olinda, chegou a contar com 17 fortificações, dentre: paliçadas com baterias, retudos, fortins, fortes e fortalezas.

MELLO, José Antônio Gonçalves. Antônio de Matos – 1671-1701. Edições Amigos do DPHAN, Recife, 1957, pág. 31, 32 e 33.

³ Técnica de construção de paredes com frechais de madeira entrelaçados recobertos por barro.

Bibliografia

ACIOLI, Vera Lúcia Costa; ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. Plantas de fortificações do Nordeste do Brasil – século XVIII, in: **Boletim do Depto de História**. Recife: UFPE, 1985.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris. **Fortes de Pernambuco: imagens do passado do presente**. Recife: Graftorre. 1999.

BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/EDUSP. 1974.

BERINGER, Emile. O Porto de Pernambuco e a cidade do Recife no século XVII, in: **Revista do Inst. Arq., Hist. E Geog. Pernambucano**, Recife, vol. XI., no 60, p. 37-60, 1903.

KLINTOWITZ, Jacob. **Fortalezas históricas do Brasil**. Rhodia. 1983

Mapa do Bairro do Recife de 1733, executada por João Macedo Corte Real e Diogo da Silveira Velloso.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. 11ª ed. At. Recife: FUNDAJ. 2002. 2v.

MELLO, José Antônio Gonçalves. Antônio de Matos – 1671-1701. Edições Amigos do DPHAN, Recife, 1957, pág. 31, 32 e 33.

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. Artilharia do século XVII em Pernambuco, in: **Revista do Inst. Arq., Hist. E Geog. Pernambucano**, Recife, XLVII. P. 191-210, 1975.